

OS JESUÍTAS E O ENSINO DO CATECISMO – A DOCTRINA CRISTÃ DO P. MARCOS JORGE E DE MESTRE INÁCIO

THE JESUITS AND THE TEACHING OF THE CATECHISM - THE CHRISTIAN DOCTRINE OF MARCOS JORGE AND MASTER IGNACIO

Francisco António Lourenço Vaz¹

Resumo: A Companhia de Jesus surgiu num contexto marcado pelo Humanismo e pela Reforma no ambiente universitário da cidade de Paris. Desde início que os Jesuítas se afirmam como arautos e defensores do Catolicismo e tendo como principal finalidade a missão dos povos. Para essa finalidade os Jesuítas lançaram mão dos meios disponíveis na época, que lhe permitiram alcançar a aceitação das populações, pela escrita e pela palavra. Para conquistar a adesão da realeza, da nobreza e do povo, três meios de informação foram determinantes para os jesuítas: o confessional, o sermão e o catecismo. Neste trabalho analisa-se a importância que os Padres da Companhia atribuíram ao catecismo, entendido como ensino das verdades da Fé, tomando como fonte um dos manuais mais usados pelos jesuítas no ensino e na missão, o primeiro livro impresso em Portugal pelos jesuítas: a Doutrina Cristã, do P. Marcos Jorge e depois acrescentada pelo P. Inácio Martins. Procedeu-se a uma análise do conteúdo e pedagogia desse catecismo e apresentam-se as inovações introduzidas na Doutrina Cristã pelos padres jesuítas.

Palavras-Chave: Catecismo, Jesuítas, Missão, Ensino, Confessional.

Abstract: The Society of Jesus emerged in a context marked by Humanism and Reformation in the university environment of the city of Paris. From the beginning the Jesuits affirm themselves as heralds and defenders of Catholicism and having as main purpose the mission of people. To this end the Jesuits made use of the media available at the time, which enabled them to reach the acceptance of the populations, by writing and by word. To gain the adhesion of royalty, nobility and the people, three media were decisive for the Jesuits: the confessional, the sermon and the catechism. This work examines the importance that the Jesuits attributed to the catechism, understood as teaching of the truths of Faith, taking as source one of the most used manuals by the Jesuits in teaching and in mission and the first book printed in Portugal by the Jesuits: Christian Doctrine, by Marcos Jorge and then added by Ignacio Martins. An analysis of the content and pedagogy of this catechism is carried out and the innovations introduced in the Christian Doctrine by the Jesuit priests are presented.

Keywords: Catechism, Jesuits, Mission, Teaching, Confessional.

¹ Professor do Departamento de História- Universidade de Évora. fvaz@uevora.pt

INTRODUÇÃO

O catecismo, como ensino das verdades da Fé, adquiriu no século XVI e em virtude dos movimentos reformistas uma importância fundamental para as diferentes igrejas e para o poder político instituído. Em resultado da invenção da imprensa assistiu-se, a partir de então, a uma produção e difusão de pequenos catecismos e do gênero catequético, para o qual contribuíram de forma significativa os reformadores e humanistas, como Martinho Lutero, Calvino e Erasmo, ou nos países católicos, Francisco Xavier e Frei Bartolomeu dos Mártires.

Diversos estudos têm analisado estes pequenos manuais, quer sob o ponto de vista de textos religiosos e da missionação, quer sobre aspetos que relacionam o catecismo com a aprendizagem da leitura e os manuais de civilidade. Assim, Vaz (1998) analisou o catecismo no XVIII, constatando a importância social e política que o poder e os ilustrados portugueses atribuíam ao catecismo. Brodeur (1990) apresentou os resultados de um projeto, inventariando e resumindo os pequenos catecismos publicados no Québec entre 1702-1963. Barros (2008) comparou duas das linhas orientadoras nos catecismos dialogados, na Europa e colônias no século XVI, os que seguiam a via ortodoxa e os heterodoxos. Numa perspectiva dos catecismos que eram dados aos alunos, para aprender a ler e a escrever e precediam o estudo da gramática, Toipa (1999) analisou o catecismo, também designado Cartinha, de João De Barros.

Os catecismos dos jesuítas, do século XVI e XVII e particularmente a Doutrina Cristã de Marcos Jorge, foram objeto de obras e referências diversas. O estudo mais exaustivo sobre o catecismo de Marcos Jorge é a tese de doutoramento em Teologia de Vieira (1981), que indica as várias edições da obra e trata questões relativas a ortodoxia e uniformidade do texto. Uma análise recente foi feita por José Santos (2016), na introdução à edição fac-similada da Doutrina Cristã, publicada em Ausburgo em 1616 por iniciativa do Jesuíta Jorge Mayr. José Santos, além de elencar as várias edições e traduções da obra, aponta como principais características, a simplicidade, a riqueza teológica e considera, também, como elemento diferenciador a pedagogia deste catecismo, nomeadamente, o uso do diálogo, em que sublinha a utilização de respostas curtas e a sua cadência, “semelhantes no

ritmo a um auto de Gil Vicente” (SANTOS, 2016, p. 17), bem como a sua adequação ao nível etário: “começa pelo que é mais simples e próximo para as crianças” (SANTOS, 2016, p. 19).

Este nosso estudo surge na continuidade destes trabalhos, mas tem como objetivo compreender o papel que a Companhia de Jesus atribuía aos pequenos catecismos no contexto da missionação e do ensino e tendo presente a colaboração estreita da Companhia com o poder político, as monarquias estabelecidas nos países católicos. Partimos da constatação que Robert Darton (2000) apontou, sobre a importância que os meios de informação sempre tiveram para o poder e para conquista do espaço público, seja hoje com as novas tecnologias, seja no passado com os meios e técnicas que o conhecimento disponibilizava. Neste sentido, consideramos que o catecismo, conjugando a oralidade e as potencialidades que a imprensa oferecia, constituiu um meio de informação fundamental para uniformizar a crença religiosa, que era vital para centralizar o poder político, criar o Estado Moderno e a Monarquia absoluta por direito divino.

Num primeiro momento descrevemos o contexto cultural em que os catecismos dos jesuítas se integram, para aferir os modelos, as inovações e as influências que estão subjacentes. Num segundo, numa perspectiva de História do Livro e da Leitura, comparamos a primeira edição do catecismo do P. Marcos Jorge, com a catecismo aperfeiçoado pelo P. Inácio, aferindo as inovações pedagógicas e didáticas introduzidas e procurando explicar o sucesso editorial da Doutrina Cristã.

O CATECISMO NA MODERNIDADE

No século XVI, num contexto marcado pelo confronto entre as igrejas reformadas protestantes e o catolicismo, o poder político e a Igreja vão criar novos mecanismos para garantir a uniformidade da crença nos países católicos. Para essa finalidade lançam mão dos meios de informação disponíveis, dos meios que a ciência e técnica tinham criado. Numa sociedade em que o discurso oral tinha um predomínio, ganham destaque como meios de mediatização para doutrinação das massas, o catecismo, o sermão, o confessionário e os rituais litúrgicos: missas solenes, enterros, auto-de-fé, peregrinações e outros. Paralelamente a monarquia, que evoluiu

no sentido da centralização política e que tem no direito divino dos reis o seu fundamento como poder soberano, estabelece um aparelho repressivo, que impõe a ortodoxia e que condiciona a vida dos homens do berço à sepultura. Bom exemplo desta nova realidade sociopolítica foi a Inquisição, estabelecida em novos moldes em Portugal por iniciativa do Rei D. João III e que passou a vigiar pela manutenção da fé e pureza dos costumes, perseguindo judeus e cristãos-novos. Entre as suas funções estava também a vigilância sobre a produção e leitura de livros. Embora a leitura estivesse reservada a uma minoria, dados os elevados níveis de iliteracia, era através dela que as ideias reformistas progrediam por toda a Europa e por isso o poder político estabeleceu a censura apertada sobre todos os textos impressos. Nos países católicos, reforçou-se a aliança entre o Trono e o Altar, ambos em sintonia para travar o avanço das ideias reformistas e garantir a ortodoxia.

Há a nível de meios da informação uma inovação, que vinha de meados do século XV e que anuncia uma nova era: a imprensa de Gutenberg, que surge como o meio por excelência para propagar as ideias dos dois campos em confronto. O próprio Gutenberg, segundo Denimal (2009), terá referido que a motivação para criar a imprensa foi a necessidade de libertar a Palavra de Deus e de a levar a todos os crentes:

Deus sofre ao ver que as multidões não podem ser alcançadas pela sua Palavra. A verdade religiosa está aprisionada em alguns textos manuscritos que contém esse precioso tesouro. Rompamos o selo que mantém cativas as coisas santas. Demos asas à verdade. Não mais a Palavra escrita a um preço exorbitante, e por uma mão fatigada, mas a Palavra multiplicada por uma máquina infatigável que a transmitirá a todas as almas humanas. (DENIMAL, 2009, p. 30)

A Reforma constitui segundo alguns a primeira “campanha da imprensa” (FEBVRE e MARTIN, 2000, p. 371), com a multiplicação de textos de vários tipos, cartazes, folhas volantes e catecismos. Surgida neste contexto da reforma da Igreja, a Companhia de Jesus constitui um bom exemplo da importância que os meios de informação e particularmente o catecismo assumiram para cumprir a principal finalidade da sua instituição, a missionação, à qual o próprio

ensino se subordinou e passou a ser visto como meio indispensável. De fato foi com a conquista do espaço público, através da palavra e da escrita, que os jesuítas ganharam notoriedade e influência, no contexto da monarquia absoluta e nos países católicos. Por isso, para conquistar a adesão das gentes da realeza, da nobreza e do povo, três meios foram determinantes para os jesuítas: o confessionalário, o sermão e o catecismo. Este último, tradicionalmente baseado no discurso oral, e por ser necessário a todos, desde a mais tenra idade, vai merecer da parte dos Padres da Companhia uma especial atenção. Acresce o fato dos Jesuítas terem introduzido no ensino catequético inovações, que reforçaram a eficácia da mensagem, nomeadamente, a teatralização pública com “bandos de meninos”, percorrendo as cidades cantando as verdades da Fé e as orações associadas.

Importa, portanto, olhar para o catecismo, e sobretudo para os pequenos catecismos, expressamente dirigidos ao povo, para compreender o discurso sobre a crença e costumes. Por outro lado, estes pequenos manuais são peça fundamental para missionar, evangelizar e converter as gentes, não apenas das grandes áreas coloniais onde os missionários jesuítas serão pioneiros a vários níveis, mas nas próprias regiões da metrópole onde os mesmos jesuítas se impuseram pela missionação das populações. Veja-se o caso do estabelecimento da Companhia de Jesus em Évora, iniciado com uma grande campanha de missionação de toda a região alentejana por um pequeno grupo de padres vindos de Coimbra e depois através da instituição de estudos com a criação do Colégio do Espírito Santo que desde as origens assumiu uma vocação pedagógica ecuménica: formar futuros missionários para Portugal e o vasto império português.

A Companhia de Jesus que surgiu no ambiente universitário estava a par do debate teológico que opunha as igrejas protestantes à Igreja Católica e também às novidades que iam surgindo no gênero catequético. Vejamos em síntese alguns dos catecismos que foram marcos importantes nestes manuais de ensino religioso.

MARTINHO LUTERO, JOÃO DE BARROS E FRANCISCO XAVIER

Em resultado do confronto entre as igrejas reformadas e a Igreja Católica, dada a necessidade

que cada um dos campos tinha de mobilizar e arregimentar os crentes, o gênero catequético teve, ao longo do século XVI, um grande incremento, quer a nível da produção, quer do seu ensino e didática. De acordo com Germain (1986, p. 12) Martinho Lutero marcou o gênero catequético com diferentes manuais, em conformidade com o público: O Grande Catecismo para os pastores e o Pequeno Catecismo (1529) para o povo em geral. Marcou também o estilo e didática dos pequenos catecismos, recorrendo ao método de perguntas e respostas e à apresentação da doutrina com simplicidade, tal como um pai de família os deve ensinar aos filhos e restante família. (GERMAIN, 1986, p. 21).

Centrando-nos no caso português, e a nível dos pequenos catecismos, um marco importante para o gênero foi a Cartinha de João de Barros (1539). O grande humanista português continuava a prática já corrente em Portugal de associar o ensino da doutrina cristã com a aprendizagem das primeiras letras e da Gramática. A sua Cartinha, que antecedia o ensino da Gramática; seria o modelo inspirador do catecismo redigido pelo grande missionário jesuíta, São Francisco Xavier, e composto provavelmente pouco depois de ter chegado a Goa, em 1542. Faz assim sentido que vejamos em síntese o catecismo de João de Barros.

A Cartinha, também designada Cartilha, de João de Barros surge num contexto em que outras obras do gênero foram publicadas em Portugal e com o mesmo objetivo de ensinar a doutrina aos meninos que aprendiam as primeiras letras e apresenta as seguintes partes: as principais orações do cristão em Latim e em Português (Pai-Nosso, Ave-Maria, Credo, Salve-Rainha); os Mandamentos da Lei e da Igreja; os sete Sacramentos, as 14 obras de Misericórdia; as virtudes teologais e morais, os dois frutos do Espírito Santo; os inimigos da alma e os cinco sentidos e mais algumas orações e práticas recomendadas ao cristão: "A bênção da mesa e as graças; tratado da missa; oração à hóstia e oração ao cálix; as orações Obsecro te e Juste judex; Evangelho de São João e o quicumque vult; os dias de jejuar e guardar, com as IV tēmporas." (TOIPA, 1999, p. 59).

Como se depreende dos títulos, trata-se de uma sūmula do essencial da crença, acompanhado das orações e obrigações que o cristão deve saber, quer a bênção da mesa, quer dos dias de jejum. Anote-se que as principais orações surgem em

latim mas acompanhadas da versão em português. Como o catecismo precedia a Gramática possibilitava assim uma habituação à língua latina, que era o idioma não só dos rituais religiosos, mas também básico para os estudos.

Quando comparamos as disposições do texto de João de Barros com a Doutrina Cristã de Francisco Xavier, as semelhanças são de fato evidentes, mas o grande missionário adaptou também a doutrina às condições da missionação. A primeira diferença que importa referir é a designação que Xavier dá ao texto, ele chama-lhe "Doutrina Cristã", mais de acordo com o objetivo de missionar as gentes que de as ensinar a ler ou escrever. De fato Francisco Xavier apresentou o catecismo em 29 parágrafos de uma simplicidade e clareza notáveis, com enunciados curtos ou telegráficos, incluindo mesmo algumas repetições, ou tautologias, que tinham certamente a vantagem de facilitar a aprendizagem das verdades da Fé, por gente simples. Por exemplo, na aprendizagem do credo o texto repete em cada artigo a palavra creio (XAVIER, 2006, p. 98). O grande missionário deixará testemunho do ensino catequético que desenvolveu junto dos gentios em algumas cartas, em que revela que muitas das vezes o que fazia era ensinar aos fiéis o Credo e os Dez Mandamentos. Em carta aos companheiros que estavam em Roma e datada de Cochim, 15 de Janeiro de 1544, descreve o modo como ensinava o catecismo:

Aos Domingos, fazia juntar todos os do lugar, tanto homens como mulheres, a dizer as orações na sua língua; e eles mostravam muito prazer e vinham com muita alegria. Começando pela confissão de um só Deus, trino e uno, diziam a grandes vozes o Credo na sua língua: à medida que eu o ia dizendo, todos o repetiam. Acabado o Credo tornava-o a dizer eu só, dizia cada artigo por si, e detendo-me em cada um dos doze, admoestava-os de que cristão não quer dizer outra coisa senão crer firmemente em cada um dos doze artigos; e, já que eles confessavam que eram cristãos, perguntava-lhes se criam firmemente em cada um dos doze artigos. E assim todos juntos, a grandes vozes, homens e mulheres, grandes e pequenos, me respondiam a cada artigo que sim, postos os braços sobre o peito, um sobre o outro, em forma de cruz: e assim lhe faço dizer mais vezes o Credo que outra oração, pois só por crer nos doze artigos o

homem se chama cristão. (XAVIER, 2006, p. 136)

A citação permite-nos ver o relevo que Francisco Xavier dava ao Credo na missionação que desenvolvia junto das populações e também a teatralização do ensino, através das perguntas e respostas e dos próprios gestos dos ouvintes. Podemos facilmente visualizar a multidão, de homens, mulheres e crianças, gritando em uníssono que sim, à cada uma das perguntas do grande missionário e numa postura adequada à situação de catequese.

Do mesmo modo Francisco Xavier explica a razão da escolha dos Dez Mandamentos como um dos temas centrais do seu ensino do catecismo, porque “a lei dos cristãos tem só dez mandamentos, quem os cumprir é bom cristão quem não os cumprir é mau cristão” (XAVIER, 2006, p. 137). E acrescenta o Santo outra razão que os jusnaturalistas do século XVIII irão desenvolver e corroborar nos seus tratados sobre a Lei Natural: “Ficam muito espantados, tanto cristãos como gentios, de ver quão santa é a lei de Jesus Cristo e conforme com toda a razão natural.” (XAVIER, 2006, p. 137).

Importa também realçar o papel que os catecismos assumiram a nível do reforço da crença. De um modo geral, o catecismo é uma síntese da mensagem de Cristo e esta era uma das poucas maneiras que a grande maioria dos povos tinha ao seu alcance para ouvir e compreender a mensagem cristã. Nunca é demais recordar que, nos países católicos, o culto e as leituras bíblicas eram em Latim, que a Bíblia em idioma nacional era um livro proibido e que esta situação continuou até ao fim do século XVIII. Por isso, os crentes, iletrados na sua grande maioria, só tinham a possibilidade de ouvir a mensagem cristã, os ensinamentos de Cristo, nas imagens que enchiam as igrejas e outros locais de culto, nos sermões dos pregadores e nos catecismos. Podiam e deviam, é certo, assistir aos rituais litúrgicos, à missa e compreender o significado desses rituais, mas dificilmente compreendiam o Latim.

Mas mesmo relativamente ao Latim, os catecismos católicos possibilitam aos crentes em geral uma habituação ao idioma do culto, nomeadamente, colocando em apêndice os tratados como assistir à missa e a bênção da mesa com orações em Latim. Do mesmo modo, Bossuet, o teórico do Direito Divino dos Reis, no seu catecismo da diocese de Meaux, publicado em

1698, insiste no ensino dos rudimentos da fé: o sinal da cruz e as orações (Credo, Pai-Nosso, Ave-Maria e Salve-Rainha) em língua vulgar e também em Latim, invocando como argumento, “para que se habituem ao Idioma da Santa Igreja” (BOSSUET, 1698, p. 7).

A Cartilha de João de Barros e o catecismo de Francisco Xavier eram certamente do conhecimento do P. Marcos Jorge, que deu à luz a Doutrina Cristã em 1566, completada, volvidos alguns anos, com os textos do P. Inácio Martins e que analisamos em seguida.

A DOCTRINA CRISTÃ DO P. MARCOS JORGE

Em 1566 foi publicado o catecismo do P. Marcos Jorge, professor de Teologia Moral na então recém-fundada Universidade de Évora, e que intitulou: Doutrina Cristã escrita em diálogo para ensinar os meninos, obra que a historiografia considera ter sido o primeiro livro que a Companhia de Jesus imprimiu em Portugal e que viria a ter um sucesso editorial notável, com diversas edições entre o século XVI e XX e em diversas línguas: português, castelhano, alemão, latim, congolês, tupi, chinês, o concani e malabar (Índia) e o japonês². A obra teve uma edição em finais do século XVI, da autoria do P. Inácio Martins, que manteve o texto original, mas acrescentou diversos pontos. Vejamos em primeiro lugar o original de Marcos Jorge e depois as inovações introduzidas por Inácio Martins.

O P. Marcos Jorge ingressou na Companhia de Jesus em 1548, licenciou-se em Cânones na Universidade de Coimbra e depois doutorou-se em Teologia na Universidade de Évora, sendo um dos primeiros doutorados desta universidade. Em Évora foi o primeiro professor de Teologia Moral no Colégio do Espírito Santo, com início dos estudos, em 1554, e depois na Universidade a partir de 1559. No Colégio foi eleito para o cargo

² “Foi publicada pela primeira vez em 1566, e foi depois reeditada inúmeras vezes até ao final do século XIX. Foi também traduzida para outras línguas europeias, como o espanhol, italiano e latim, e não-europeias, como o congolês, o tupi (Brasil), concani, malabar e tâmil (Índia), chinês e japonês”. SANTOS, J. M. P., (Ed.). **Doutrina Cristã escrita em diálogos para ensinar os meninos**, Lisboa, Paulus Editora, 2016. p. 9. Este mesmo autor especifica que só no Japão houve quatro edições entre 1592 e 1600.

de reitor em 1555. Eleito depois Procurador da Congregação em Roma, viria a falecer em Évora em 1571. Em 1554 enviou uma carta ao fundador da Companhia, Santo Inácio de Loiola, dando conta dos progressos dos estudos em Évora e de como eram ensinados os “casos de consciência aos estudantes e sacerdotes”. (TELLES, 1647, p. 354-355).

O P. Marcos Jorge terá feito o seu catecismo “a instâncias do Sereníssimo Cardeal D. Henrique, que mandou distribuir muitos milhares, à custa da sua real fazenda” (TELLES, 1645, p. 408). Este mesmo autor no volume dois dirá que foi também a instâncias dos Superiores da Companhia e por ter revelado grandes dotes para ensinar a doutrina cristã a meninos e adultos (TELLES, 1647, p. 352). Sobre a obra que designa como Cartilha, Telles afirma que é um livrinho de ouro e que o P. Marcos Jorge tinha por hábito sair pelas ruas para arregimentar as crianças e levá-las às suas lições (TELLES, 1645, p. 409). Terá sido este bom desempenho no ensino que esteve na origem da Doutrina Cristã: “[...] ordenado com tão boa disposição, e com tal clareza, que os mistérios mais altos, e mais profundos de nossa Santa Fé Católica, podem ser entendidos por meninos de pouca idade, e por rústicos de menos capacidade”. (TELLES, 1647, p. 352).

O testemunho de Telles é importante sobretudo porque revela que a Doutrina Cristã foi obra, que culminou uma longa experiência pedagógica do P. Marcos Jorge a ensinar o catecismo e pelo acento que põe na clareza e simplicidade do texto. Importa por isso fazer uma leitura, ainda que breve, deste catecismo.

No prólogo dirigido ao leitor, O P. Marcos Jorge começa por sublinhar a importância do catecismo para a República e para a Igreja, sobretudo porque se ensinam as verdades da Fé e os bons costumes, e porque se dirige aos meninos que, dada a tenra idade, melhor assimilam essas verdades e costumes. Relativamente ao conteúdo do ensino, sublinha a sua simplicidade: “Procuramos em toda esta doutrina quanto foi possível fugir de pontos de Teologia que poderiam parecer ser mais para Letrados que para meninos” (JORGE, 1653, p. 3). Contudo, não deixa também de informar que a doutrina é também para os adultos, pois todos devem saber os artigos da Fé e é destes que nasce a Teologia.

Citando S. Tomás e as determinações do Concílio Coloniense, resume a três partes toda a

doutrina: “A primeira contém o que é necessário saber para bem crer. A segunda, o que é necessário para saber bem pedir. A terceira, o que é necessário saber para bem obrar”. (JORGE, 1653, p. 4.). Contudo, sendo esta a ordem natural, e também das virtudes respetivas Fé, Esperança e Caridade, na cartilha apresenta-se outra ordem a que chama de Doutrina, tratando primeiro o que é mais fácil. Assim nos primeiros dois capítulos declara-se o que quer dizer cristão e o seu sinal. Depois o que é necessário saber para “saber bem pedir, a qual pertence o Pater Noster e outras orações, e depois tratamos de outras duas partes” (JORGE, 1653, p. 4). Dito por outras palavras, inicia-se com os gestos mais simples como aprender o sinal da cruz e seu significado, passando depois as orações e finalmente aos mandamentos e ensinamentos para praticar a caridade e obedecer à Santa Madre Igreja.

Estas três partes são apresentadas em 14 capítulos, muito breves e com a seguinte sequência: (1) que quer dizer Cristão; (2) do sinal do Cristão que é a Santa Cruz; (3) do Pater Noster; (4) da Ave Maria; (5) da Salve-Rainha; (6) do Credo; (7) dos artigos de Fé; (8) dos Mandamentos da Lei de Deus; (9) dos mandamentos da Santa Madre Igreja; (10) dos pecados capitais, onde se inclui as sete virtudes contrárias; (11) dos sacramentos da S. Madre Igreja; (12) das obras de Misericórdia; (13) de como se há de ajudar à missa; (14) das orações e bênção da mesa.

Alguns aspectos que gostaríamos de sublinhar. A ideia de catecismo que está subjacente é a de um manual prático para adquirir as três virtudes: Fé, Esperança e Caridade, através das práticas; crer, pedir e bem obrar. Um segundo aspecto diz respeito à tônica que se coloca no ensino dos sacramentos e dos cinco mandamentos da Santa Madre Igreja, e que se inscrevem numa estrutura social característica de Antigo Regime, hierarquizada e com rituais e obrigações bem determinadas: ouvir missa ao domingo e festas de guarda, confissão anual, comunhão na Páscoa, jejuar e pagar os dízimos e primícias. Anotar que sobre a confissão se esclarece que apesar de ser pelo menos uma vez ao ano, o mestre deve insistir nas vantagens da confissão ser mais frequente. Esta defesa da confissão articula-se assim com o que acima dissemos sobre a importância que os Jesuítas atribuíam ao confessional, para conquista do público, quer da nobreza e da própria família real, quer das gentes populares.

Outro aspecto que interessa referir, é o fato de no tratamento dos pecados capitais, também chamados mortais (7), se indicarem, mais outros: pecados contra o Espírito Santo (6), pecados alheios que o cristão faz próprios (9) e os quatro pecados que bradam aos céus: homicídio voluntário, pecado sensual contra a natureza, opressão dos pobres (sobretudo órfãos e viúvas), não pagar o jornal a quem trabalha” (JORGE, 1653, p. 95). Se levarmos em consideração, a leitura que Norbert Elias (1989, p. 103) faz dos manuais de civilidade, ao considerar que o fato de se mencionar a prescrição é sintoma de que o erro era frequente, temos que no caso se faz especial menção destes pecados, dada a sua frequência, e daí a tônica que é posta no combate a essas práticas. Por outro lado, importa sublinhar que se considera “um pecado que brada ao céu” que o patrão não pague o salário ao trabalhador e portanto está vincada a defesa da justiça social e combate ao abuso dos ricos sobre os pobres.

A defesa da justiça social, de não pactuar ou colaborar com a injustiça, está também presente na condenação dos “nove pecados alheios que o cristão faz próprios”, onde se enumeram as práticas impróprias para o crente, tais como, dar mau conselho, mandar pecar, incitar a pecar, louvar o pecador, encobrir pecados alheios, dissimular pecados, participar no dano que se faz ao próximo e defender o pecador (JORGE, 1653, p. 91).

O destaque que é dado ao pecado, são elencados 26 pecados, mostra que o catecismo inculcava nos crentes o sentimento de culpa e que só com a frequência regular dos sacramentos, que são tratados a seguir, o cristão conseguiria superar. Este peso do pecado relaciona-se também com o papel que os jesuítas atribuíam ao confessor como remédio para a alma, fosse para o rei ou para o plebeu. A confissão ao padre, um dos sete sacramentos da Igreja Católica, reforçava, e de que maneira, o papel do clero como intermediário entre o homem e Deus. O clero tinha um poder sobre as consciências, o que numa estrutura mental de antigo regime, lhe dava o poder, o prestígio e a influência que são reconhecidos.

A obra do P. Marcos Jorge foi depois reeditada com acrescentos, por outro jesuíta e também doutor em Teologia por Évora, o P. Inácio Martins (1531-1598).

AS INOVAÇÕES DO P. INÁCIO MARTINS

O P. Inácio Martins ingressou na Companhia em 17 Abril de 1540, no mesmo mês e ano em que se iniciaram estudos no Colégio de Coimbra. Natural de Gouveia, de nome de batismo Vasco Martins mudou o nome para Inácio Martins, em honra do fundador da Companhia. Formou-se em Coimbra e foi o primeiro Professor de Artes em Évora, no ano de 1556, ainda antes da fundação da Universidade, onde foi colega do P. Marcos Jorge. Doutorou-se em Teologia, em Fevereiro de 1570, doutoramento a que assistiram o Rei D. Sebastião e o Cardeal D. Henrique (TELLES, 1645, p. 402).

Ganhou fama e prestígio a ensinar o catecismo “ porque na verdade foi mestre na doutrina, que por espaço de 17 anos ensinou com a cana na mão”(TELLES, 1645, p. 356). O paralelismo com o fundador da Companhia chegou ao ponto de quando ocorreu a beatificação de Inácio de Loyola, em Portugal muitos pensarem tratar-se da beatificação de Inácio Martins. Foi também o responsável pela invocação mariana da Senhora da Doutrina, que viria a ter uma capela na igreja de S. Roque em Lisboa. Na Congregação feita em Évora em 1572, após a morte de Francisco Borja, foi Inácio Martins incumbido de ir a Roma participar na eleição do Novo Geral. Esta viagem terá tido influência na mudança de estilo que então usava, quer no ensino da doutrina, quer nos sermões que fazia; sobretudo pela visita ao túmulo e relíquias do grande pregador Santo Antônio, que se guardavam em Pádua. Telles afirma (1647, p. 234) que foi Inácio Martins que no ano de 1581 passou a ensinar a doutrina cristã nas ruas de Lisboa. Até esse ano a prática era sair o sacristão com a sineta a chamar os meninos para ouvirem a doutrina em S. Roque, tendo então Inácio Martins introduzido este novo uso de juntamente com os meninos percorrer as ruas e praças de Lisboa cantando canções e o catecismo.

Esta prática, que depois seria vulgarizada, deparou no início com oposição, não só do alto clero, o próprio irmão e bispo da ilha Terceira o terá admoestado para que abandonasse esse tipo de ensino nas ruas, mas também dos próprios meninos, pois que “Ao princípio eram mui poucos os que queriam seguir pelas ruas, e muitos menos os que se atreviam a responder-lhe às perguntas.” (TELLES, 1647, p. 235). Para orientar e animar os grupos de meninos nesta deambulação pelas ruas introduziu Mestre Inácio a prática de bandeiras e

cantigas que os meninos iam entoando, até chegarem ao ponto onde se dava a doutrina, que podia ser uma escadaria, de uma igreja ou hospital, ou uma praça.

Os acrescentos que fez à Doutrina Cristã do P. Marcos Jorge adaptam-se a este estilo mais prático e ao caráter público que introduziu no ensino do catecismo. Logo no início do catecismo surge o texto de sua autoria e intitulado: Lembranças para ensinar a Santa Doutrina pelo P. Inácio Martins. Neste texto considera que a doutrina deve ser dada no berço: “porque os meninos se criam no berço da Fé. Incunabulis Fidei, e charitate mater” (MARTINS, 1653, p. 8) e dá o guião aos mestres para efetuar o ensino, em 10 tópicos onde estipula o início, os adereços, os papéis dos intervenientes, as orações a cantar, e o fim da sessão. Assim, para início do cortejo:

Começar desta maneira: postos de joelhos do lugar onde parte a doutrina, cantarão a **Ave-maria**, a qual acabada comecem a cantar **Todo o fiel cristão**, e então com a bandeira de Nossa Senhora da doutrina saiam logo, e cantem esta e mais cantigas, e orações, e ladainhas, ate chegarem à Igreja, ou praça, onde se há-de dizer a doutrina aquele dia. (MARTINS, 1653, p. 12, grifo do autor)

Nada fica ao acaso, tudo P. Inácio prevê e coloca no papel logo no início do catecismo para o mestre seguir:

Ponha-se no púlpito ou em lugar alto, e em voz alta, faça o sinal da Cruz, e diga o **Pater Noster, Ave-Maria, Credo em Deus Padre** e os **Mandamentos da Lei de Deus**, respondendo os mininos. [...] Mande subir dois moços de boa tala em lugar alto, com dois livros da doutrina Cristã nas mãos, os quais digam, ou leiam um capítulo aquele dia, e ele vá ponderando alguns passos. (MARTINS, 1653, p. 13, grifo do autor)

Após a lição de catequese, a representação continua com o mestre a perguntar aos meninos, quais são os Mistérios do Rosário e se emendaram dos juramentos, pragas, e cantigas ruins e termina com a confissão entoada.

Refira-se que nestas lembranças o P. Inácio apela para que os mestres incentivem os meninos para acompanharem o viático aos doentes e dá a instrução para esse acompanhamento:

Escolha dois meninos ensinados, os quais com suas medalhas e Agnus Dei ao Peito, esperem o Senhor fora da igreja, para não estorvarem dentro, e vinda a Cruz, vão adiante de toda a gente cantando a Ladainha Comum, que está nas Horas de Pio V, e os outros meninos respondam, e tornem com o Senhor e fiquem a porta da igreja. (MARTINS, 1653, p. 14)

As razões que indica para este ritual, passam por considerar que o Senhor vai assim melhor acompanhado, os meninos ganham devoção ao Santíssimo Sacramento, o doente é encomendado pelos inocentes e a gente, ouvindo as ladainhas, acode às janelas para adorar o Senhor. De notar, também, que cabe aos dois meninos inquirir em cada freguesia, para saber das saídas do Senhor aos enfermos, pelo que o mestre os deve trazer favorecidos e substituir os negligentes. Este aspeto reforça o sentido prático e público que referimos. Outra recomendação aos mestres vai no sentido de implicar os meninos também no ensino da doutrina, com uma prática que diz ter sido instituída por Francisco Xavier na Índia: “Procure por si, e pelos mestres-escola que os meninos ensinem a doutrina à noite, em suas casas, aos escravos e mais famílias.” (MARTINS, 1653, p. 14).

As outras alterações, introduzidas pelo P. Inácio Martins no original da Doutrina Cristã, surgem depois dos 14 capítulos. Numa primeira, são apresentados alguns tratados ou recomendações para o cristão: como um cristão deve passar o dia, como deve ouvir missa, lembranças para a confissão³ e como comungar. A outra prende-se com a praxis já indicada e é uma ladainha a Senhora da Doutrina, que os meninos devem cantar quando acompanharem as saídas do Santíssimo Sacramento para os doentes a receberem a extrema-unção. Outras recomendações são relativas ao culto mariano, em particular, o modo de rezar o Rosário, e transcrevem-se cantigas devotas ao Espírito Santo e a Nossa Senhora, que poderiam certamente ser cantadas nos cortejos da doutrina. Refira-se que a imagem da Senhora da Doutrina, ainda hoje na Igreja de S. Roque, e estava representada na

³ Recomendações sobre a atitude antes, durante e depois da confissão: recordar os mandamentos e enumerar os pecados que cometeu e fez cometer aos outros, ajoelhar-se com humildade, cumprir a penitência de imediato.

bandeira do cortejo, representa a Virgem com o Menino ao colo, segurando o Menino um pequeno livro debaixo do braço, provavelmente um catecismo.

Deste modo Inácio Martins adaptou a cartilha do Padre Marcos às novas práticas e rituais que ele próprio introduziu no ensino do catecismo, acentuando as características cênicas e públicas, promovendo a adesão das populações citadinas. Grande adversário das representações teatrais profanas, as comédias, utilizou o mesmo método cênico para ele próprio e os mestres da doutrina fazerem representações com as principais orações e elementos da fé dos cristãos. Foi sem dúvida uma ideia em tudo notável e com impacto nas práticas religiosas e na sociabilidade das gentes. Note-se que ao contrário das comédias, que proporcionavam a crítica às instituições e ao poder instituindo - lembremo-nos do dito de Horácio: *Ridendo castigat mores* – o catecismo impunha a obediência a Deus e à Santa Madre Igreja.

Este método de ensinar o catecismo em Portugal usando o espaço público persistiu até à expulsão dos Jesuítas em 1759. Um autor muito crítico dos Jesuítas faz um retrato sobre o domínio que a Companhia exercia, em meados de setecentos, e onde esta forma de ministrar a doutrina está também contemplada.

Quem já chegou, a uma das casas desta Religião, para buscar um **confessor**, a qualquer hora da noite; que não ficasse consolado? Um **pregador** para qualquer festividade, que não fosse obedecido, ainda sem interesse? (...) Se olho para as ruas e praças públicas, vejo os mesmos Religiosos **doutrinando os ignorantes, excitando a emulação dos meninos**, atraindo com suaves maneiras os que passam, para ouvirem a verdade Evangélica. Se olho para as igrejas, vejo-os frequentes no confessionário (...). Se olho para as escolas, vejo-os ensinando aos meninos com grande amor, e paciência, não só as letras mas a piedade, que em toda ocasião lhe inspiram. (VERNEY, 1746, p. 5. Grifo nosso)

Outro dado que importa referir, pelo impacto pedagógico que proporciona em qualquer ensino, e provavelmente ainda mais no catecismo, é o uso de imagens nos manuais. A primeira edição da Doutrina Cristã de Marcos Jorge, impresso pela Companhia (1566) não tinha

imagens. Em 1616 seria feita uma edição de luxo da obra, pelo também jesuíta Jorge Mayr, em Ausburgo, e profusamente ilustrada⁴. Como o P. Mayr diz na apresentação deste catecismo ao leitor, e invocando a autoridade de São Gregório, a grande vantagem das imagens é a possibilidade que dão de instruir os iletrados: “o que os doutos leem na escritura acham os idiotas na pintura” (SANTOS, 2016, p. 23)

É necessário compreender que no contexto da época as imagens encareciam, e de que maneira, o preço dos livros e como tal estes pequenos catecismos que tinham como objetivo chegar ao maior número de público, deviam ser baratos e normalmente sem grande qualidade gráfica.

A hipótese que gostaríamos de apresentar é precisamente a de que esta falta das imagens, ou a sua escassez, para instruir os populares pode muito bem ter levado os mestres jesuítas, Francisco Xavier e sobretudo Inácio Martins, a enveredar pela teatralização do ensino catequético. Ou dito de outra forma, na ausência de imagens dos manuais, os jesuítas criaram as imagens reais dos crentes, as cenas que apelam à visualização e à voz, criando um ambiente visual e sonoro com grande impacto na aprendizagem do catecismo.

Estas inovações surgem também associadas a outras que os mestres jesuítas introduziram nos Colégios e na Universidade de Évora. É conhecido o uso de decuriões, os alunos mais adiantados para dar algumas partes da matéria aos jovens estudantes (MONTEIRO, 2007, p. 65), estes alunos mais velhos teriam mais propensão a usar um método menos formal. Por outro lado, era também frequente o recurso a representação dramática em épocas festivas e em diversas outras ocasiões tal como testemunhou Bento Farinha que se formou na Universidade de Évora e diz que por meados de Dezembro se faziam representações nas aulas (VAZ, 1997, p. 475)

Da época dos manuais de Doutrina Cristã é também conhecida a obra de um presbítero de Guimarães, o P. Francisco Vaz, que introduziu em Portugal as representações bem populares dos Autos da Paixão. Estes autos eram a representação da paixão de Cristo feita por populares, e portanto usando o teatro e todas as suas potencialidades

⁴ Foi desta edição que José Santos (2016) fez uma edição fac-similada.

para ensinar às gentes das aldeias um dos momentos e temas de maior importância para a Fé. Estes autos segundo Rodrigues (2007, p. 10) estariam presentes, sobretudo no mundo rural do nordeste de Portugal, até ao início do século XXI.

Voltando às edições da Doutrina Cristã e uso das imagens, a edição de 1592 apresentava já algumas imagens: 21 nos tratados acrescentados por Inácio Martins (SANTOS, 2016, p. 15). Consultámos uma edição do século XVII que tem essas 21 imagens. A primeira no início dos tratados, representando Jesus Cristo com o globo, um sacerdote a rezar a Missa (introduz o tratado como ouvir a missa); o calvário no início de como se confessar. Depois no tratado intitulado “Modo de rezar o Rosário”, imagens alusivas a cada um dos mistérios, com a legenda indicando as passagens dos Evangelhos alusivas a cada uma das cenas. Para os mistérios gozosos, são representadas: anunciação, visitação, oferecimento, nascimento de Cristo, apresentação no templo e Jesus entre os doutores. Para os dolorosos: agonia de Jesus no horto, flagelação, coroação de espinhos, Jesus transportando a cruz, crucificação. Para os gloriosos: ressurreição, ascensão, vinda do Espírito Santo, assunção de Nossa Senhora, coroação de Nossa Senhora. Na contracapa final a imagem de Cristo com as iniciais da Companhia IHS, em primeiro plano⁵.

Deste modo, as alterações introduzidas por Inácio Martins, acompanhadas das respetivas imagens vinham realçar a importância do culto mariano e a sua relação com os ensinamentos evangélicos. Num contexto em que os crentes só ouviam a leitura do Evangelho em Latim e durante a missa, que também era em Latim, a representação dos principais momentos da vida de Cristo e da Virgem Maria nestas imagens tinham um impacto maior, tal como acontecia com os autos da paixão.

O sucesso da Doutrina Cristã, no ensino e missionação, está comprovado na grande quantidade de edições deste catecismo, que segundo Sousa (2017) chegaram até ao século XX. Relativamente ao ensino, o catecismo de Marcos Jorge e Inácio Martins, era o manual utilizado nos Colégios dos Jesuítas e na Universidade de Évora, para os alunos que

começavam a aprender a ler, escrever e contar (VAZ, 2016, p. 166). Quanto à missionação, a Doutrina Cristã foi traduzida para diversos idiomas indígenas, como já referimos, e portanto foi um dos manuais de catequese mais usados pelos missionários Jesuítas, quer no Brasil quer em África e no Oriente (SOUSA, 2016, p. 9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto do século XVI, a crença era uma necessidade mental para todos. Não se podia ser ateu nesse século, pela simples razão que os homens não dispunham de mentalidade nem suporte concetual que dispensasse a crença, era um dado estruturante para letrados e iletrados (FEBVRE, 1947). Não é assim de estranhar que o século esteja cheio de homens de fé, leitores atentos do Evangelho e preocupados com a instrução religiosa através do catecismo: Erasmo, Lutero, Calvino, Francisco Xavier e tantos outros. Esta estrutura persistirá nos países católicos até à Revolução Francesa, com a Igreja Católica interessada na defesa de uma aliança estreita entre o trono e o altar, fundamentada no direito divino dos Reis e com argumentos retirados da própria Sagrada Escritura. Nesta ideologia política os homens são súditos, ou seja sujeitos à autoridade real e à hierarquia que a sustenta, e a atitude dominante do súdito é obedecer sem pensar. Para além de evangelizar o catecismo era um manual ao serviço dos interesses da Igreja e da Monarquia absoluta. De fato, a principal mensagem política do catecismo é a obediência a Deus e as autoridades instituídas. Anotamos a preocupação do poder político e da Companhia de Jesus em proporcionar o ensino do catecismo a todos os crentes.

A leitura que fizemos sobre catecismo dos jesuítas comprova como os pequenos manuais eram encarados pela Companhia de Jesus como um instrumento político e religioso indispensável, para a missionação e para garantir a ortodoxia. Este lado ideológico dos pequenos catecismos não tem merecido o devido destaque pela historiografia, contudo, o catecismo significou logo com Lutero e os autores católicos, a necessidade de fixar a crença, afastando a diversidade de interpretações, e de ensinar aos crentes com simplicidade e rigor teológico.

O catecismo dos jesuítas é um bom exemplo, ou mesmo modelo, dos pequenos catecismos católicos, na defesa da ortodoxia e do

⁵ A edição em Congolês (1624) só tem uma pequena imagem no fim do manual na contracapa: a imagem de Cristo Crucificado, ladeado de Nossa Senhora e S. João.

rigor do culto e rituais da Igreja. Neste domínio, anotamos que, dado que os ritos e cerimônias eram em Latim, os pequenos catecismos eram um dos poucos meios para todos os crentes terem acesso à mensagem de Cristo. De fato, com a aprendizagem do catecismo e particularmente, do Pai-Nosso, das Obras de Misericórdia e dos Mistérios do Rosário a Nossa Senhora, o crente tinha informação sobre a mensagem e os principais momentos da vida e morte de Jesus Cristo, reforçados em muitos manuais com as imagens. O uso de vulgarização do Rosário a Nossa Senhora, sobretudo a partir do século XVII, constituiu um marco importante para ensinar o Evangelho às populações iletradas dos países católicos. Em cada um dos mistérios, o crente é incentivado a contemplar e meditar nos principais momentos da vida de Cristo, desde o seu nascimento até a ressurreição. Parafraseando S. Gregório, o que os letrados liam na escritura, ouviam os iletrados no catecismo e nas orações que com ele aprendiam.

A promoção do culto mariano, através do Rosário e da invocação da Senhora da Doutrina, foi como dissemos uma das alterações que Mestre Inácio introduziu na Doutrina Cristã e que consideramos de grande impacto na religiosidade popular. A outra foi a teatralização da catequese, a invasão do espaço público, com bandos de crianças cantando orações e aprendendo a doutrina nas ruas e praças, dando cor e som ao ensino e apelando à participação do público.

Nos catecismos estão bem vinculados os artigos de Fé, o Credo, as principais orações do cristão, os mandamentos da lei de Deus, mas também os mandamentos da Santa Madre Igreja. Estão também bem vinculados os pecados, onde anotamos o lugar de destaque que lhe é concedido na Doutrina Cristã de Marcos Jorge e Inácio Martins, e o seu significado social e político: nascido pecador, o cristão deve encarar a vida terrena como uma luta constante contra as três potências do mal: a carne, o mundo e o diabo. A vitória do crente neste confronto só é possível recorrendo à mediação da Igreja, através dos sete sacramentos, sobretudo, a confissão e a comunhão. Ou seja, só os ministros têm o poder de perdoar os pecados, poder que lhe foi dado por Jesus Cristo. Deste modo, o catecismo dos jesuítas vinha reforçar a importância que a Companhia atribuía ao confessional, como meio para conquistar a adesão do poder político e dos crentes e reforçar na sociedade o seu poder.

Do mesmo modo nos designados Novíssimos está determinado o destino individual de cada homem, a morte, mas também a recompensa, ou o castigo, que espera os homens na vida eterna: o Paraíso, o Purgatório e o Inferno. Neste palco do mundo, o catecismo é o manual de instruções para o católico, obter com auxílio da Igreja, a justa recompensa, o Paraíso.

Podemos assim considerar que os principais contributos dos jesuítas, para renovação e impulso do ensino do catecismo, foram em primeiro lugar a adaptação do ensino à missionação, traduzindo a Doutrina Cristã para os dialetos indígenas, mas também nos países católicos e nomeadamente em Portugal, dando uma qualidade pública ao ensino, procurando assim a adesão das gentes. Além desta teatralização, importa sublinhar que à semelhança do que faziam no ensino, adotando uma pedagogia mais ativa, com incentivo aos alunos para eles próprios ensinarem os mais atrasados, também no catecismo os meninos eram incentivados a propagarem a doutrina nas suas famílias e com o seu exemplo incutirem a devoção e a espiritualidade. O outro fato que salientamos relaciona o ensino do catecismo com outros meios que a Companhia estabeleceu para conquistar a adesão do poder e das populações; o confessional e o sermão. Esta ideia foi apontada de forma lapidar por Luís António Verney na introdução ao Verdadeiro Método de Estudar (1746) onde, ainda que com ironia, descreve o quadro dos meios de informação que a Companhia de Jesus usava para ter uma posição dominante na sociedade portuguesa poucos anos antes da extinção.

BIBLIOGRAFIA

A Doutrina Cristã do Padre Marcos Jorge e Inácio Martins

JORGE, Marcos e MARTINS, Inácio, **Doutrina christã. De novo traduzida na lingoa do Reyno de Congo, por ordem do P. Mattheus Cardoso theologo, da Companhia de Jesu.** Lisboa: por Geraldo da Vinha, 1624.

JORGE, Marcos e MARTINS, Inácio, **Doctrina Christam Ordenada a maneira de Dialogo, pera ensinar os meninos.** Lisboa: Officina Graesbekiana, 1653.

SANTOS, J. M. P., (Ed.). **Doutrina Cristã escrita em diálogos para ensinar os meninos**, Lisboa, Paulus Editora, 2016. Edição fac-similada da Obra do P. Marcos Jorge.

Outras obras

BARROS, Cândida. Entre heterodoxos e ortodoxos: notas sobre catecismos dialogados na Europa e nas Colônias no século XVI, **Revista História e Estudos Culturais**, Vol. 5. Nº 4, 2008. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF17/ARTIGO_06_CANDI_DA_BARROS_FENIX_OUT_NOV_DEZ_2008.pdf (Acesso em 12-6-2017)

BRODEUR, Raymond. **Les catéchismes au Québec, 1702-1963**, Québec-Paris : Presses de l' Université Laval-CNRS, 1990.

BOSSUET, J. B., **Catéchisme du Diocese de Meaux**. Paris : Chez Sebastien Mabre-Cramoise, 1698.

DARNTON, Robert. An Early information Society. News and media in eighteenth- century Paris, **The American Historical Review**, nº 105, 2000 p. 32. Disponível em: <http://webs.rps205.com/teachers/jsolberg/files/ED6C56B471454E7481398C55AA8DE0ED.pdf> .(Acesso em 13-6-2017).

DENIMAL, Éric. **Calvino. O Arauto de Deus**. Mem Martins : Publicações Europa América, 2009.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizacional**, Lisboa: D. Quixote, 1989.

FEBVRE, Lucien. **Le Problème de l'Incroyance au XVI Siècle. La Religion de Rabelais**, Paris: Edition Albin Michel, 1947.

FEBVRE, Lucien e MARTIN, H.J. **O Aparecimento do Livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

GERMAIN, Elisabeth. **Jesus Christ dans les catéchismes. Étude historique**. Paris: Desclée, 1986.

MÁRTIRES, Bartolomeu dos. **Cathecismo ou doutrina cristã & praticas spirituaes. Para se ler nas Parochias onde não há pregação**. Braga : por Antonio de Maris, 1564.

MONTEIRO, Miguel. Características educativas inacianas. Algumas reflexões, **REVUE**, Évora: Universidade de Évora, n. 10-11, 2009, p. 62-77.

RODRIGUES, M. I. R. A Oração No Horto: um Auto quinhentista e suas recuperações. **Via Spiritus**, nº 14 (2007) 91-108. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6123.pdf>. (Acesso em 9 de Jun.2017).

TELLES, Baltazar. **Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal; e do que fizeram nas Conquistas deste Reyno, os Reliogosos, que na mesma Provincia entraram nos anos em que viveo S. Ignacio de Loiola**. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1645.

TELLES, Baltazar. **Chronica da Companhia de Iesv na provincia de Portvgal; SEGUNDA PARTE na qual se contem a vida de alguns Religiosos mais assinalados, que na mesma Provincia entraram, nos anos em que viveo S. Ignacio de Loiola**. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1647.

TOIPA, H.C. João de Barros Pedagogo, **Máthesis**, Viseu, nº 8, 1999. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23761/1/mathesis8_artigo3.pdf?n=pt-pt. (Acesso em 22 de Jun. 2017).

VAZ, Francisco. O Ensino dos Jesuítas na Universidade de Évora: Uma leitura dos Primeiros Estatutos, **Revista História da Educação**, v. 20, n. 48, jan./abr., 2016, p. 159-174.

VAZ, Francisco. O Catecismo no discurso da Ilustração Portuguesa no século XVIII, **Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias**, Vol. X, Lisboa, 1998, p.217-240.

VAZ, Francisco. A cidade de Évora na vida e obra de Bento Farinha, **Revista a Cidade de Évora**, Évora, Câmara Municipal, 1997, p. 447-492.

VERNEY, Luís António. **Verdadeiro Método de Estudar**, Valença, Na Oficina António Balle, vol. 1. 1746.

VIEIRA, Fernandes. **A Doutrina Cristã do Padre Marcos Jorge**, Pamplona: Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra, 1981.

XAVIER, Francisco. **Obras Completas**. Braga: Editorial A. O. – Braga e Edições Loyola – São Paulo, 2006.